

Espaço público

Na Europa podemos continuar assim mais algum tempo. Mas não teremos grande futuro, se não mudarmos

A Europa no mundo

Quando os portugueses chegaram ao Japão, em 1543, foram muito bem recebidos. Como é descrito no primeiro livro de antropologia cultural comparada da história da humanidade (Levy Strauss o disse), escrito pelo padre jesuíta Luís Froes, as diferenças entre “nós” e “eles” eram imensas; e, há que reconhecê-lo, os japoneses estavam muito mais avançados cultural e civilizacionalmente, ainda que não tivessem armas de fogo. Não foi por acaso que nos chamaram “*namban*”, o que significa bárbaros do Sul.

Em meados do século XV havia no espaço nipónico alguma anarquia política e guerra civil larvar, pelo que o mais importante *shogun* viu enormes vantagens na amizade com os portugueses. A sabedoria e bom senso dos jesuitas fez o resto, evitando acções ostensivas. Por ali ficaram cerca de 100 anos e as conversões ao catolicismo foram em número relevante.

Em termos religiosos, o Japão tinha - como tem hoje - duas grandes religiões: o inicial xintoísmo e o budismo importado da China no século VII. Viviam em suficiente harmonia, sendo então como hoje normal que os japoneses sejam simultaneamente fiéis de ambas as religiões, nenhuma delas exigindo a exclusividade ou assumindo-se como a religião verdadeira, daí retirando o direito de perseguir os apóstatas ou hereges. A chegada de uma terceira religião não era coisa fácil, nem de aceitação evidente. Mas este texto não visa fazer a história deste pioneiro contacto de civilizações durante este período que é muito estudado no Japão e quase desconhecido em Portugal. Veremos adiante a motivação subjacente ao pretexto que encontro, entre Osaka, Nara, Quioto e Tóquio, sobretudo através das preciosas informações do grande amigo de Portugal e profundo conhecedor da cultura japonesa que é o embaixador Satoshi Hara e da sua mulher, com quem a minha mulher e eu estamos a ter o privilégio de conviver, entre templos, *shrines* e jardins.

Para o que aqui me interessa, os portugueses e a Igreja Católica cometeram três erros capitais (reconheça-se que sobretudo a partir de 1580): Roma recusou a adaptação da liturgia às realidades nipónicas (no que seria um Vaticano



José Miguel Júdece

II muito *avant la lettre*): os padres jesuítas passaram a ter a concorrência dos dominicanos, mais fundamentalistas, e ambos insistiam em que só havia um Deus e que vinham converter os japoneses, afastando-os das religiões tradicionais; após 1580 a arrogância dos enviados de Filipe II de Espanha assustou o *shogun*, que passou a perceber que no fundo os europeus queriam fazer dele uma simples peça na engrenagem mundial dos Habsburgos de Espanha. Algumas lições podem ser facilmente retiradas deste episódio: (i) uma Igreja ou um qualquer poder com vocação universal deve ser capaz de se adaptar aos espaços culturais em que se queira inserir; (ii) o relativismo cultural e religioso e a aceitação do outro na sua especificidade e autonomia são essenciais às relações pacíficas entre os povos, ninguém podendo assumir-se como o detentor da verdade, sem ter de abrir conflitos insanáveis; (iii) uma lógica de imperialismo acaba por suscitar reacções que cedo ou tarde derrotam, atástam ou torram ingérfel a actuação do poder aparentemente mais forte.

O que se passou no mundo, sobretudo nas zonas de influência muçulmana, durante os oito anos do consulado de George W. Bush, é um exemplo de escola de erros muito semelhantes aos que acima procurei resumir. Mas a questão é bem mais ampla do que isso, não sendo raro ver as grandes e médias potências europeias a cometerem o mesmo erro, tomando como paradigma o que é apenas um curto (do século XV ao século XX) e episódico período da civilização humana em que foram hegemónicas.

Aquilo a que chamamos Europa pouco relevante histórico teve antes dos Descobrimentos portugueses ou, ao menos, antes do início da consolidação dos Estados Italianos, o Egipto, a Mesopotâmia, a Grécia, a Pérsia, a Índia, a Roma mediterrânica, a China e o Japão ou o Califado foram antes os centros de progresso e modernidade, expoentes de cultura e civilização. Pelo seu lado os EUA, antes de meados do século XIX, nada significavam a nível internacional.

Olhar para o *mapa mundi*, tal como o vemos povos não centrados na Europa, revela muito bem a pequenez e a periferia do espaço europeu. É uma experiência que se recomenda para percebermos melhor o que tende a ser o nosso destino. Aproximadamente condições de vida



Aquilo a que chamamos Europa pouco relevo histórico teve antes dos Descobrimentos portugueses

plutocracias aos proletários, todos nos convencemos de que a hegemonia estava garantida, sobretudo se acen-tuada através da aliança civilizacional com a grande colónia inglesa que se tornou nos EUA e numa república imperial.

Nada está nunca garantido na História do mundo. A China e a Índia vão a caminho de voltar a alcançar a percentagem do PIB mundial que já tiveram no século XVIII, curiosamente num momento de refluxo das potências europeias que, dessa vez e devido à industrialização inglesa, souberam recuperar e até accentuar o seu poderío internacional.

Na Europa, no fundo, continuamos a achar que não temos de adaptar os nossos rituais a outros climas e geografias, continuamos a considerar que o nosso modelo ideológico-cultural é um deus único a que todos têm de ser converter, continuamos a expimir uma arrogância subliminar que é perceptível muito para além do que julgamos possível. Podemos continuar assim mais algum tempo. Mas não teremos grande futuro, se não mudarmos. Tema a que voltarei, para a semana, tentando referir algumas mudanças que reputo essenciais na nossa